

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

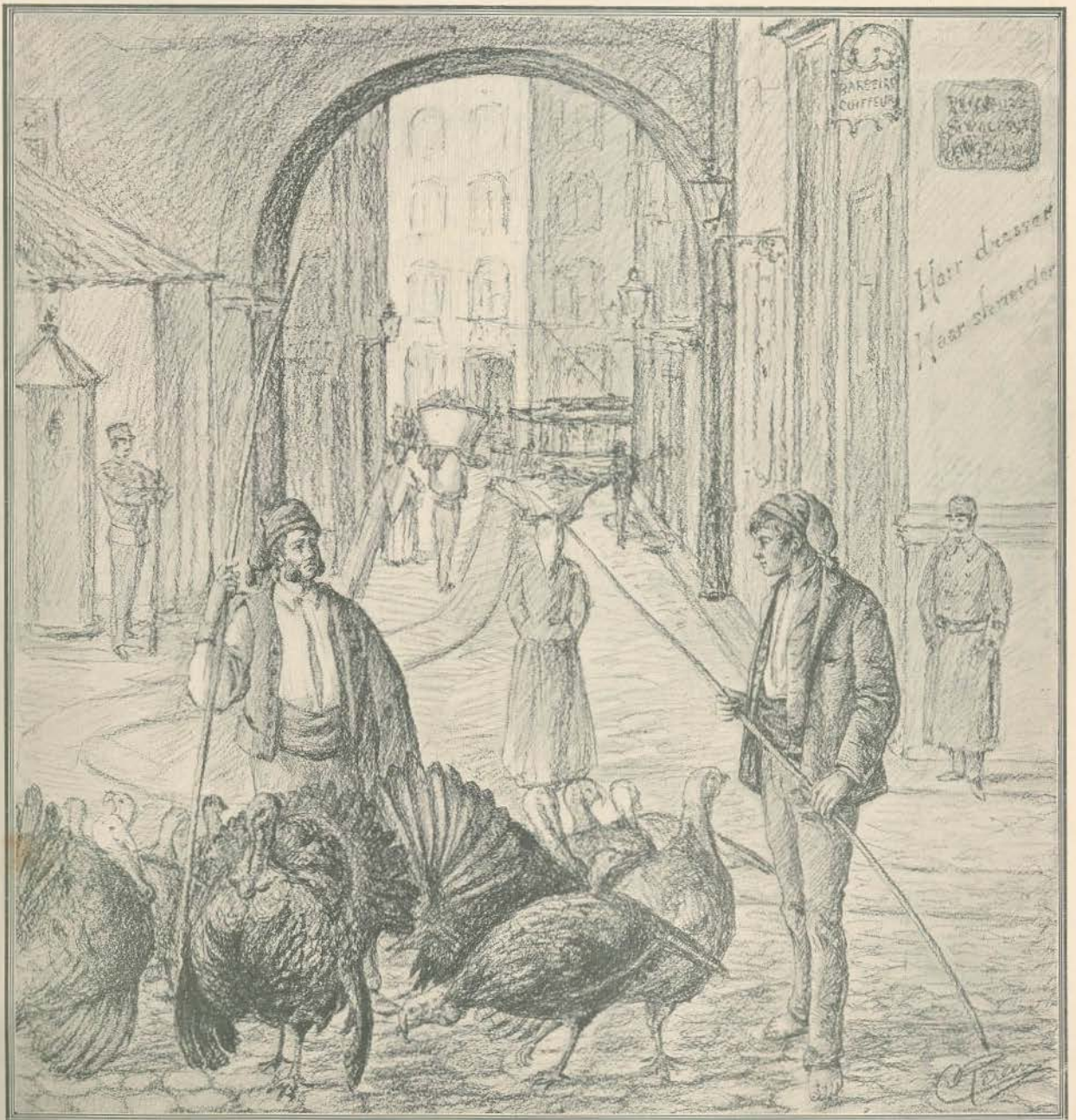
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photographura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1903

NUMERO 8



O NATAL DE LISBOA—UM BANDO DE PERUS NO ARCO DO MARQUEZ DE ALEGRETE

CHRONICA

O Anno Novo

Deseja-se o anno novo n'uma supersticiosa fé que com elle mudarão os destinos, fazem-se projectos e mudanças; com a entrada do anno e com a entrada n'uma residencia nova, acredita-se que o destino será tambem novo.

E por isso, quando a meia noite de 31 de dezembro soar, ahi por essa Baixa, n'esses predios eguaes a commodas mal arrumadas, as familias, entre os últimos moveis que acabam de se descarregar, dirão quasi unctuosamente:

—Ora Deus Nosso Senhor nos dê um anno melhor do que o passado!

Por vezes, o chefe de familia, curtido já n'aquellas scenas, com um sorriso sceptico, com um encolher de hombros desprezador, diz em sardina:

—Já sei o que isso é!

E com effeito elle sabe-o logo desde que a manhã do anno novo surge, desde que abre os olhos no seu leito, ainda fóra do logar que ha de occupar de vez, no quarto onde os moveis ainda não entraram, por não haver tempo na vespera para as arrumações.

Tonto de somno, desconhecendo o logar, com um ar espantado e com um bocejo, elle sabe desde logo o que será o anno, faz o juizo d'elle como um astrologo de folhinha, adivinha, presente, prevê. Governar é prever, e o desgraçado governa como os estadistas nos paizes pobres, isto é, á matroca, recebendo d'um lado para collocar n'outro, desviando d'aqui para pôr ali, acudindo ás necessidades mais urgentes e descuidando as outras. Ah! O que elle vê, o que elle adivinha!

Sabe que com os jornaes e com a correspondencia vem os cartões de boas festas e sabe tambem que as filhas lhe vão pedir as bróas; sabe que se farão arraias e que haverá festas de igreja, que o carnaval ha de emporelhar a Baixa, que a menina mais nova ha de namorar um aspirante, o sexto desde que completou as suas vinte primaveras, cheias de deliquios de nervos, de exigencias, de sonhos e de chlorose.

Sabe que os caminhos de ferro continuarão a andar como carroções de almocreves e que os electricos continuarão a atropellar os lisboetas; sabe que tem de pagar as contas da modista, que tem de roer pão feito de drogas, que tem de ir aos domingos á Avenida acompanhar as filhas e que a hortaliça augmentará de preço. Tambem sabe que o commercio continuará a morrer e a agricultura a enfermar, que a industria e o theatro continuarão a ser de importação, que a litteratura decalhrá, e que as criadas o roubarão nas compras e que o governo se hade aguentar.

Eis o que elle saberá n'um momento, ao acordar, ouvindo que no andar de cima se arrastam moveis e sentindo que lá n'essa casa um outro desgraçado prevê tambem cousas eguaes ás que elle pensa.

E as filhas, com papelotes nos cabelos, e a criada, lampeira e sorridente, entrarão n'este momento pelo quarto, chamando, garrulando:

—Boas entradas, papá! Boas entradas, patrão!

N'esse primeiro dia do anno novo, o chefe de familia sente então o desejo de entrar na eternidade, de morrer, de ir n'um coche de columnas com um padre e um acolyto, n'um enterro decente, com algumas corôas e um necrologio nos jornaes.

—Boas entradas! Boas entradas!

Elle resmungo, enfia-se mais nos lençoes e lembra-se que n'essa entrada do anno novo nada ha de extraordinario, nem mesmo as despesas, porque, apoz as mudanças, não teve com que as fazer.

Por isso, esse anno novo da era de Christo não tem razão de ser alegre para o lisboeta chefe de familia.

—Anno novo, anno novo! os sinos tocam, as igrejas abrem-se e nos lares, os chefes de familia fecham-se em copas diante dos cartões de boas festas que precedem as contas do fornecedores e são outros tantos brados de fome de uma legião que serve e tem esperanças.

Boas entradas! Boas entradas!

E o desgraçado encolhe os hombros e murmura:

—Já sei o que isso é!

Mas, apesar de tudo, engalanam-se as montras dos confeitores, apparecem novas marcas de bolachas, deslumbra-se os pobres na luz forte que os estabelecimentos irradiam, crianças mettidas em abafos e crianças com os pés no lodo olham os bonbons que os confeitores expõem e o novo anno surge como os outros, mesquinho e frio, engoindo na horn do nascimento.

ROCHA MARTINS.



O CAMINHO DAS ÁGUAS FERVIDAS—NA REAL TAPADA

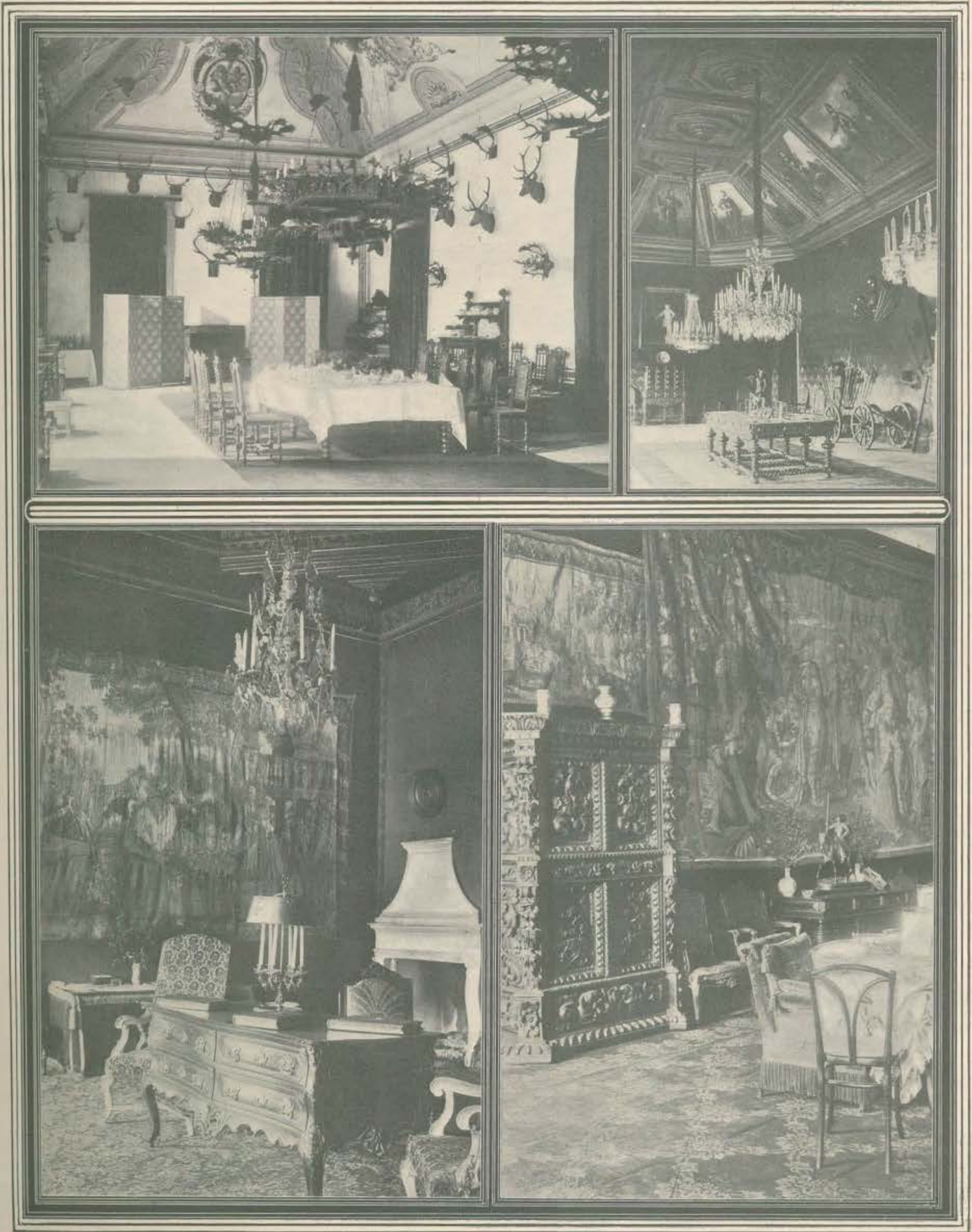


UM GRUPO DE COUTEIROS E BATEDORES



UM TRECHO DA REAL TAPADA

A VIAGEM DO REI DE HESPAHNA A VILLA VIÇOSA



A VISITA DO REI DE HESPAÑHA A VILLA VIÇOSA

AS SALAS NO PAÇO DE VILLA VIÇOSA — 1.º SALA DE JANTAR — 2.º SALA DOS DUQUES — 3.º SALA DAS VIRTUDES — 4.º SALA DOS HERCULES



S. M. EL-REI D. AFFONSO XIII—S. A. O PRINCIPE LU'Z FILIPPE—S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA
 CONDE DE TOVAR—CONDE DE SARGOSA—MADAME POLO BARNABÉ—MARQUEZA DO FAYAL—TENENTE CORONEL ALFREDO D'ALBUQUERQUE—DUQUE DE SOTTOMAYOR
 A CAÇADA DO DIA 15 EM VILLA VIÇOSA—UM GRUPO NO LOCAL DA AGUA FERREA



O GRUPO DE SPORTMENS QUE OFFERECERU O JANTAR NO HOTEL DA EUROPA AO MESTRE DE SPORT MR. DESBONNET, QUE VEIU PRESIDIR AO CONCURSO D'ATHLETICA
 PROMOVIDO PELO «JORNAL DA NOITE»
 1 O PROFESSOR DESBONNET—2 JOSÉ POTTER, DO «JORNAL DA NOITE»—3 DEANTE HOLBECH—4 ANSELMO LISBOA, DO «JORNAL DA NOITE»—5 LUIZ CRUZ, DO JORNAL DA NOITE—6 JOÃO D'ALMEIDA—7 ALFREDO FIGUEIREDO
 8, JOSÉ CID—9, ALVARO DE LACERDA—10, CAMILLO REBON—11, JOSÉ PORTUGAL—12, ANTONIO GONCALVES—13, CARLOS XAPREDO—14, ANTONIO BODDO DA SILVA—15, JOSÉ MOURÃO

HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

Digressões e visitas

A casa de Alfredo Guimarães

É Alfredo Guimarães um nome conhecido na melhor sala de Lisboa, e a sala ao devo, um grande gosto, e desenvolvimento que ultimamente tem tomado a lar por-

toe-estilo algum definido. Ha alli algumas gravuras celebres: «Alexandre na tumba de Dario», «A casa do Sabon», um retrato de Carlos I, gravuras de Luiz IV, court, de Léopoldo, de Beethoven, de Sellinger; e ao que me a mobiliario, deliciosas exemplares da Italia portuguesa, cadeteira Luiza XIV, buffets do século XVII, tudo a'uma primeira disposiçào, desvendando a' fãas espirito artistico do seu possuidor.

—O predominante é—replica com a sua habitual vivacidade nervosa Alfredo Guimarães—ainda que, como vê, haja motivos de épocas anteriores; mas, apesar d'isso, a harmonia é completa.

—Não gosta de setylo D. João V?—perguntámos, por não havermos ainda surpreendido aquelles motivos ornamentaes.

—Vao vêr o meu quarto de summa—contesta-nos—ahi, é a sua a decoraçào escolhida.



SALA IMPERIO



QUARTO DE CASA ESTILO D. JOÃO V

lugares no que se refere à arte de mobiliario antigo, de épocas historicas, em que a graça dos estylos nos sugere ainda, como a mais flagrante e eloquente monographia, sem nos remota de galanteio e sedução, de austeridade, de grandæoa, —a grandeza essa, especie de magnificencia que se apossou de certas épocas em periodos de latência e de dissolutas maritimas.

A casa de Alfredo Guimarães fica para as bandas de S. Bento, n'uma rua caracteristica da cidade, a dois passos do Albergue cado, mal a noite desce, se acollhem os fãantinos que na vida apenas conhecem o agualho dos des-campados, sob a hospitalidade incoerente do seu, o hotel referido, como pittorescamente llo chamamos.

Mas, logo no galgarmos o vestibulo empodrado da entrada, o nosso olhar surpreendendo um decor pomalino, e ali, n'um resanto, em frente à escada que condiz ao primeiro andar, uma lletrina preciosa, da época, talvez —salvo Deus— com a sua diversa historia do pedrão e fuga, talvez confiante da nobreza politica do senhor Marquez.

Alfredo Guimarães, que já nos esperava, nosima o seu perfil insinuante de homem affable e convidamos a subir. Estamos n'uma antecâmara generosa pomalino tambem; um retrato do Marquez sem uma das paredes, e vemos barros de Machado de Castro, fãantinas portuguezas do lãto, ali falando um lãbu que pertence a Casa Real, visto encimado uma coroa.

Vestido à antecâmara é o escriptorio, onde não preva-

mente, não havendo quasi nenhum libelto. É a sua sala de estylo perfeito, em que se observam os minutissimos por-

É Alfredo Guimarães, abrindo a porta que dá para a antecâmara onde nos achavamos, exclama:

—Edo.

É este um outro recanto precioso d'aquelle lar. Commodas, cama, area, papoeltra, oratorio, é tudo da época; e, enquanto expressamos a nossa admiraçào, Alfredo Guimarães, entreabrindo a portada de uma janella, commentou:

—Um pouco mais refinado... e seria o da Madre Paula.

Mas já o nosso olhar, insincero como a exigem estas jornadas pela casa alheia, desvenda sobre um mozel alguns livros, e o nosso interlocutor de nos explicar n'uma prevezadora ironia:

—Esses é que são da época...

Não o eram, effectivamente; mas n'aquele contraste revlava-se ainda o espirito culto do nosso amigo.

E, mostrando-nos os livros:

—A ultima peça de Alfred Capus, e um romance de Balzac.

Estava satisfeita a nossa curiosidade.



UMA ANTE-SALA

menores da época; forte os sofás uma sala verde, de uma tonalidade de omeirada pallida, e, cobrindo o pla-

fund, um magnifico tapete de Missoua,

harmonico com o decorativo total.

Alfredo Guimarães, que nos vem acompanhando, condiznos a uma sala-

chama Luiza XVI, que é uma maravilha d'arte.

Nas paredes as sedas são de tons pallidos, cores indicasas e trinos, branco e marfim, com fios prateados. Pelas

estremas: libelto, lãtas, miniaturas, pãntescas profundezas da época; e ainda os nossos olhos reparam n'uma

scribitura, surpresa sobre commoas do marquetrie, polychromas, trinos

dotrados, istos proprios...

Trucamosse algumas phrasas, e eis-

nos subindo a escada que condiz ao

segundo pãto. A antecâmara é agora de-

corada no estylo de D. Maria I.—gru-

verras, sofás, um gracioso relógio, can-

teloras, oratorio e outros mozelos ainda.

A uma pergunta nossa:

—O estylo aqui predominante é de

D. Maria I?



OUTRA ANTE-SALA



OUTRO ASPECTO DA SALA IMPERIO



GABINETE LUIZ XVI

Aquella casa do jantar, na qual ha o conforto das volutas casasa portuguezas que nos trazem a memoria refeicoes sacculares e abbadesas, na sua amalgama d'estylo, resoa e orgue-se como focala n'um rai de sol, de vida intima, pela disposicao dos moveis que, apesar do serem de diferentes epochas, não destoam e conservam a sua linha agradavel á vista.

Ha um deslumbramento de pratos, de riquissima baixella collocada pelos aparadores, scintillantes, ao lado de crystaes diaphanos, ricos, preciosos, que devem deixar transparecer os liquidos nos seus tons, nos seus cambiantes, os liciores opalinos, os vinhos generosos, capitosamente atordoadores e que n'esses copos ganham em cor, devem ganhar em tonalidades.

No suntuo, lançando uma vista á entrada, fica-se perplexo doante da variedade d'estylos, de formas e mesmo de colorido.

E, assim, vemos pratos Luiz XVI em escarpadas século XVII, lustro do século XVIII, admiravelmente harmonico sobre uma meza do século XVI, centro Luiz XVI, casticeos de estylo ingloz, purissimo, um armario hollandes da Renaissance, cadeiras de couro, louças da India, arcas portuguezas do século XVIII e uma infinidade de pequenos

objectos, lindos como motivo decorativo, imprescindiveis n'uma sala como esta.

E o curioso é que d'esta aparente amalgama de objectos de epochas diversissimas não resulta a menor desharmonia; pelo contrario, parece que tudo nasceu no mesmo momento historico, pela quasi homogeneidade que se observa.

Em frente ao armario hollandes está uma magnifica chaminé da renaissance portugueza, que, como Alfredo Guimarães refere: «combina com o simples effeito scenographico dos objectos; utilissimo sempre; portanto, um fogão é para me aquecer nas noites de inverno e de notada.»

Vimos ainda: contadores da India, maravilhosos em madeira rica que viuham nas caravellas e que representavam fortunas, contadores que na sua grandeza recordam muito os famosos tempos de conquista, como o relógio que tange minnetes pertencente ao século XVIII aviva esse tempo do galanteria, n'um destaque com os outros objectos d'epochas mais remotas, mais novas, menos coquettes e menos espirituas.

E deante de tantas bellezas, ficamos bem marcadas e bem fundas impressões. Essa sala Imperio é uma maravilha que evoca o passado n'uma *hablen* do estylo do tempo do primeiro Napoleão, lembra esse canto onde os marcehos curtidos d'amos, de luctas e cobertos de medalhas, vieram estacodar em face da mulher em voga as suas façanhas e as aventuras dos seus passeios epicos atravez da Europa á sombra das aguias e onde fossem interrompidos por um hym.



CASA DE JANTAR

Alguem, um fino e alto espirito que ha pouco visitou a casa de Alfredo Guimarães, vendo esta alcova, disse:

—Uma sala decorada por um artista d'aquella epocha devia ser exactamente assim.

E com effeito, nada de mais interessante, de mais simples e de mais harmonico. É toda uma arte d'ontras eras, d'ontrous tempos, ali systematisada, ali collocada portas a dentro d'uma casa moderna, d'uma casa dos nossos dias.

É uma bella evocação do passado essa alcova, d'uma evocação d'esse passado que para muitos nada vale e que para certos artistas é tudo, talvez por uma lei atavica, talvez por uma bem definida consciencia.

Alfredo Guimarães, artista de raro espirito, cultor do passado, conseguiu fazer d'esse quarto, como das outras salas, uma demonstração do seu fino criterio, da sua arte, que para elle é como uma religião.

Effectivamente, nada de mais artistico, de mais finamente deliado, revelando todas as raras qualidades do dono da casa, que o seu interior, que bem affirma um temperamento capaz de sentir todas as fortes commoções que derivam de uma intensa or-



GABINETE DE TRABALHO

no triumphal cantado pelo relógio que na sua rodema o atira com as horas n'uma sanção no sobrano corso.

Após esta, as ontras, todas as ontras nos; ficam na retina e nos deixam no espirito bellas sensações, pelos contrastes flagrantos d'epochas, pelos maravilhosos detalhes, por tudo isso que jamais esquece e que nos dá, alem d'esse effeito, um conjunto de estudo d'esses tempos que Alfredo Guimarães, á custa de porfiado labor, tem recolhido, como se fosse fazer a historia do mobiliario nas eras remotas.

Lateralmente fica-nos uma alcova—estylisada á moda de D. Maria I.

E guardamos a recordação d'essa linda alcova Maria I, com a sua cama candida, clara, de doce, uma alcova que é um ninho de virgindade e de pureza, na qual os moveis são a decoração singela e propria da criança que n'ella habita, a filha de Alfredo Guimarães. É como um quarto herdado, que viesse de geração em geração e tivesse servido a uma avó nos tempos de menino, que ella só tivesse deixado no momento de se casar; é como um ninho no qual ficassem acocchadas, e n'um arrullo manso, claras pombas de sonhos de donzellas, desde esses tempos pragmaticos, devotos e honestos de Maria I.

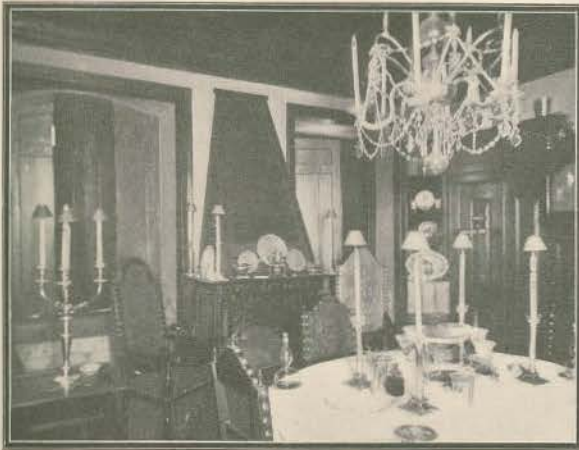
Cama dourada com doce, *boudoir*, o oratorio com uma almofada de seda, a figura pallida de maceração de um Christo de marfim, a *toilette* em *marqueterie*, commoda com esmalte, e espelho esguio, as gravuras, tapetes de Arrayelos, o guarda-joias, o lustro de Veneza, tudo isto forma o *decor* completo d'essa alcova.



ALCOVA D. MARIA I



UMA ANTE-SALA



OUTRO ASPECTO DA CASA DE JANTAR

ganisação familiar com as expressões d'arte, quer ella se exteriorise n'um lindo e evocativo painel, n'uma aria languida e suggestiva, n'um riso de mulher, na sympho-



O VESTIBULO

nia colorida de uma flôr, no rythmo dolente de um verso, ou na liha graciosa e leve, ou hirta e anstera, de um novel. SANTOS TAVARES.



O NATAL DE LISBOA—A IMAGEM DO MENINO DE DEUS NA EGREJA DA SUA INVOCACÃO—O PRESEPIO DA EGREJA DO MENINO DE DEUS



O NATAL DE LISBOA—UM ASPECTO DA MISSA DO GALLO



A VIAGEM DO REI DE HESPAÑHA A VILLA VIÇOSA—S. M. O REI DE PORTUGAL ALVEJANDO UM VEADO



SS. MM. OS REIS DE HESPAÑHA E DE PORTUGAL COM S. A. R. O PRINCEPE LUIZ FILIPPE A CAMINHO PARA A BATIDA



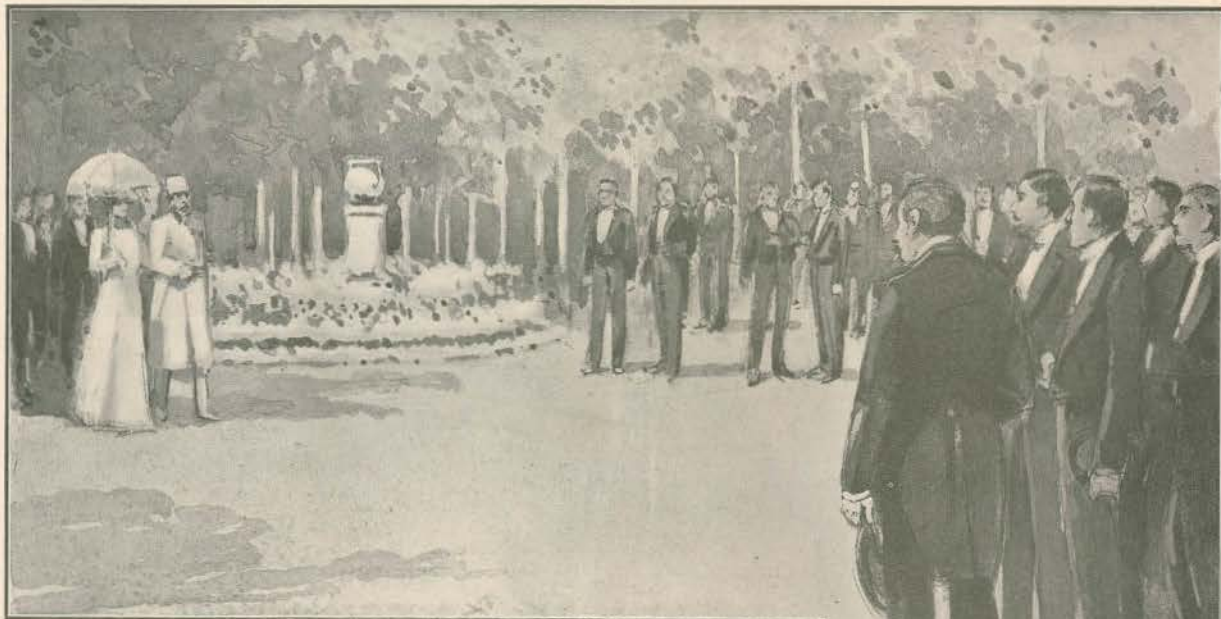
A VIAGEM DO REI DE HESPAÑHA A VILLA VIÇOSA—A ULTIMA CAÇADA NO DIA 16
S. M. EL-REI D. AFFONSO XIII ESPERANDO AS PERDIZES



O PRESEPIO DA BASILICA DA ESTRELLA—O PRESEPIO DA SÉ PATRIARCAL, FEITO POR JOAQUIM MACHADO DE CASTRO EM 1766 E EXISTENTE NA CAPELLA DA CHAROLLA DA SÉ DE LISBOA. O PRESEPIO DE SANTO ANTONIO DOS CAPUCHOS NO ARVLO DE MENDICIDADE



O NATAL DE LISBOA—O JANTAR DE FESTA EM DIA DE NATAL NO ASYLO DOS INVALIDOS DO TRABALHO



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

VI

Residência de verão da realza — Exercitando-nos para a terrível prova — Comissão da mensagem ao imperador — Recepção pelo imperador e sua família — Trajes da cavalaria imperial — Poder concentrado — Um caso do grão duque — Uma villa encantadora — Figura príncipe — Pesca — A gran duquesa — Um almoço gran duque — O pequeno do paiote, criador da fome — Uma com — sumo de limão ou leite gelado — Monarchas theatras, uma pita — Visita do governador geral ao navio — Estylo-official — Visitantes aristocraticos — Lunch a bordo — Derradeiras cerimoniaes.

Fundámos aqui em Yalta, na Russia, ha dois ou tres dias. Para mim este lugar é uma visão das Sierras. As altas e pardacentas montanhas que lhe servem de fundo, os seus declives ocultos de pinheiros — fendidos de barrocaes — aqui e alli um branco penedo alteando-se á vista — longas e d'roitas riscas que descem desde o cumo até ao mar, assignalando a passagem de alguma avalanche de antigos tempos — todas estas cousas se assemelham tanto ao que a gente vê nas Sierras, que é como se as estivesse vendo. Ainhase a pequena aldeia de Yalta aos pés de um amphitheatro que se reclina e se eleva contra a parede dos montes, e parece como que se tivesse caído de manso de uma elevação maior para ficar na sua posição actual. Esta depressão é coberta de grandes parques e jardins de fidalgos, e através da espessura da verde folhagem as cores brilhantes dos seus palacios desatrociam, aqui e ali, como flores. É um sitio ludo.

Recebemos a bordo o consul dos Estados Unidos — o consul em Odessa. Reunimo-nos na camara, e intimámo-lo para nos expôr o que era necessario fazer para nos escaparmos, e que nos dísseesse isso depressa. E vai o homem botou discurso. A primeira coisa que nos disse encheu de consternação todos os animos cheios de esperança: nunca tinha visto uma recepção de corte. Tinha gemidos para o consul! Acrescentou, porém, que tinha assistido a recepções no palacio do governador geral em Odessa, e muitas vezes ouvira contar as experiencias de recepções de pessoas na corte da Russia e n'outras, e estava persuadido que sabia muito bem a especie de prova para a qual nos estavam preparando. (A esperança desabrochou novamente.) Observou que eramos muitos; o palacio de verão era pequeno — uma simples residência; sem duvida seriamos recebidos á moda do verão — no jardim; haviamos de estar de pé n'uma fileira, todos os homens de casaca, luvras e gravata brancas, e as senhoras de vestidos de seda de côr clara, ou cousa assim; no momento proprio — ao meio dia — o imperador, com as pessoas do seu seguito, revestidas de esplendidos uniformes, havia de apparecer e passaria lentamente por dentro da fileira, inclinándose para alguns e dizendo a outros dias ou tres palavras. No mesmo instante em que sua magestade apparecesse, um sorriso universal, jubiloso, entusiasmado, devia manifestar-se como uma erupção entre os passageiros — um sorriso de amor, de gratidão, de admiração — e, todos á uma, principiar á curvar-se — não obsequiosamente, mas respeitosa e com dignidade; passados quinze minutos o imperador se recolheria ao

palacio, e nós poderiamos voltar para bordo. Experimentamos um allivio immenso. A cousa parecia, em certa medida, facil. Pois em toda a nossa gente não havia um só que não acreditasse que, com algum exercicio, se aguentaria a pé firme n'uma fileira, especialmente estando outros por ali adiante; não havia um só que não acreditasse que poderia inclinarse sem esbalar, os pés nas abas da casaca e sem quebrar o pauco; n'uma palavra, chegamos á crêr que seriamos capazes de satisfazer a todos os pontos do programma, exceptuando o tal sorriso complicado. O consul disse tambem que precisavamos de elaborar uma pequena mensagem ao imperador, e apresentá-la a um dos seus ajudantes de campo, que a havia de entregar ao soberano na occasião propria. Consequentemente, cinco cavalheiros foram nomeados para preparar o documento, e os outros cincoenta e cinco espatharam-se pelo navio a sorrir tristemente — fazendo exercicio. Nas doze horas seguintes tinhamos o aspecto geral, para assim dizer, de estarmos n'um funeral, em que todo o mundo tinha pena do fallecimento que havia occorrido, mas estava morrendo porque aquillo necessitava — em que toda a gente sorria, mas estava desanimada.

Foi para terra uma comissão procurar uma excellencia o governador geral, e informá-lo do nosso destino. Ao cabo de tres horas de ansiosa espera, voltaram e disseram-nos que o imperador nos havia de receber. No dia seguinte ao meio dia — mandaria carruagens para nos transportar — e ouviria a allocação em pessoa. O grão duque Miguel mandou tambem convite para irmos ao seu palacio. Era evidente que havia aqui intenção de mostrar que a amizade da Russia á America era tão genuina que tornava até merecedores de affectuosas attentões os seus cidadãos particulares.

A' hora marcada andámos de carro tres milhas, e reunimo-nos no bonito jardim que defronta o palacio do imperador.

Collocámo-nos em circulo debaixo das arvores, em frente da porta, porque a nossa residência do imperador não havia uma sala em que commodamente cubossem as nossas sessenta pessoas, e passados poucos minutos a familia imperial sahio, cumprimentando e sorrindo, e ficou em meio de nós. Vinham com ella muitos grandes dignitarios do imperio, sem uniformes. A cada corteza sua magestade dizia uma palavra de boas vindas. Dou copia d'essas falas, que em si tem impresso caracter — o caracter russo — que é a gominia polidez, o polidez em cheio. Os francezes são delicados, mas essa sua delicadeza é bastas vezes meramente cerimoniaosa. O russo embebe nos seus actos cortezes uma cordialidade, tanto de abruço como de expressão, que completa a creença na sua sinceridade. Como ia dizendo, o czar pouteava as suas falas com cortezas:

— Bons dias — Folgo de vos ver — Estou satisfeito — Estou encantado — Tenho muito prazer em receber-vos.

Todos tirámos os chapéus, e o consul impingiu-lhe a allocação, que elle supportou com inquebrantavel firmeza; pegou depois no rascoso documento, que passou ás

mãos de algum grande personagem, ou cousa que o valha, para ser arrendado nos archivos da Russia — lançado no fogo. Agradeceu a allocação e disse que se alegrava muito de nos ver, especialmente por serem amigáveis as relações existentes entre a Russia e os Estados Unidos. A imperatriz disse que os americanos eram predilectos na Russia, e esperava que os russos se semelhantemente o fossem na America. Todas as falas que houve foram estas; recommenda aos grupos de viajantes que apresentem os policias com relógios de ouro como modelos de brevidade e a proposito. Depois d'isto a imperatriz dirigiu-se a varias damas do agrupamento, ás quaes falou socialmente (para uma imperatriz; diversos cavalheiros tiveram com o imperador uma desocida conversação geral; os duques e principes, almirantes e damas de honor, travaram palestra sem cerimonia, primeiro com um e depois com outro dos nossos, e quem o quiz avançou alguns passos, e falou com a modesta pequena gran duquesa Maria, filha do czar. Tem quatorze annos, cabellos claros, olhos azuis, e é desprenteciosa e bonita. Todos falam inglez.

O imperador tinha um boné, sobrecasaca e calças, tudo da mesma qualidade de fazenda branca de uniforme militar — algodão ou linho — sem joias nem qualquer condecoração. Trajo menos apparatuso não o podia haver. É muito alto e magro, e tem aspecto de homem asaz resolutivo, sem, contudo, por isso deixar de ser muito sympathico. Logo se vê que é affectivo e boudoso. Ha um não sei qué de muito nobre na sua expressão quando tem a cabeça descoberta. No seu olhar não ha nem sombras da reserva que se nota no de Luiz Napoleão.

A imperatriz e a pequena gran duquesa traziam simples *toilettes* de foulard (ou seda de foulard, não sei como melhor se diga) com pintinhas azuis; os vestidos eram enfeitados de azul; ambas as damas tinham em volta da cintura largos cintos azuis; collares de linho e mantas electricas de musselina; chapéus de palha de copa branca, guarnecidos de fita azul; sombrinhas e luvras de côr de carne. A gran duquesa não tinha saltos nos sapatos, o que affirmo, não porque visse, sim porque m'o referiu uma das senhoras do nosso grupo. Não reparei nos sapatos d'ella. Causou-me satisfação ver que usava o seu proprio cabelo, enrolado em grossas tranças sobre a nuca, em vez d'essa cousa aborrecida, que vulgarmente se chama «cucata». Attendendo á expressão de bondade que tem o rosto do imperador, é á genitiliza da sua joven filha, causa assombro pensar até que ponto não ha de minguar a firmeza do czar em condemnar um desventurado supplicante á desgraça nos desertos da Sibéria, se ella interceder por elle. Sempre que os seus olhos se encontravam eu vi cada vez mais que tremendo mando

aquella fraca e singella coroação poderia fazer ceder, se assim o quizesse. Muitas e muitas vezes ella podia governar o autocrata da Russia, e uma mais leve palavra d'êlê para setenta milhões de creaturas humanas! Era apenas uma menina e parecia-se com mil outras! E tãõ mais, mas nunca até entãõ uma menina despertou em mim um tão ignoto e paradoxal interesse como ella. Uma visitação extranha, nova e desconhecida, e tãõ atabalhoada, e em tãõva aqui. Nada havia sedido no gãsto quanto aos pensamentos ou sentimentos que a situaçãõ ou as circumstancias creavam. Parecia extranho—mas extranho do que o posso dizer—cogitar que a figura central d'aquelle ajuntamento de homens e de mulheres, parlando aqui debaixo das arvores, como o individo mais vulgar da terra, fosse um homem a quem bastaria abrir os labios para logo navios correrem sobre as ondas, locomotivas voarem pelas planicies, correios partirem apressados de aldeia para aldeia, e com telegraphos expedirem a palavra aos quatro angulos de um imperio, que estende os seus grandes membros sobre a setima parte do globo habitavel, e abalar uma immenso-mulidão de homens para cumprir as suas ordens. Tenho uma especie de vago desejo de lhe examinar as mãos para ver se são de carne e sangue, como as dos outros homens. Aquí está um homem que poderia chegar essa maravilha, o contanto, se eu quizesse, podia d'êllo ao chã. O caso era simples, mas não obstante, figurava-se absurdo—tãõ absurdo como tentar derrubar uma montanha ou eliminar um continente. Se acaso este homem toresse um pé, um milhar de milhas de telegrapho transmittiria a noticia sobre montanhas—valles—campos despovoados—debaixo do invio mar—e dez mil gazetas se occupariam a falar d'isso; se estivesse gravemente enfermo, todas as nações o saberiam antes do sol se levantar outra vez; se cahisse morto onde estava, a sua queda podia abalar os thronos de metade do orbe terrestre. Se me houvesse sido possivel furtar-lhe o casaco, to-lo-la feito. Quando topo um homem como aquelle, preciso de alguma coisa que me faça lembrar d'ello.

Em regra, os palácios que visitámos foram-nos mostrados por meios de fãdas, ou, como se dizia, que levavam um franco por isso; mas, depois de conversar com o nosso grupo por espaço de meia hora, o imperador da Russia e a sua familia em pessoa nos conduziram a todos atravez da residencia. Com isso pareciam experimentar um verdadeiro prazer, e não levaram nada.

Gastámos meia hora a divagar pelo palacio, admirando os sumptuosos aposentos, e a sua ornamentaçãõ rica, mas de aspecto eminentemente caseiro, com o que a familia imperial disse um benigno adeus à nossa gente.

Recebemos convite para visitar o palacio do filho mais velho, o principe herdeiro da Russia, que ficava muito proximo. O moçobo estava ausente, mas os duques e condesses o principes trataram-nos com a mesma affabilidade com que haviamos sido recebidos no palacio do imperador, e a conversaçãõ continuou, tãõ animada como sempre.

Passava já um pouco da hora. Partimos de carnaçõem para o palacio do grão duque Miguel, a uma milha de distancia, accedendo ao convite, previamente feito.

Gastámos vinte minutos do palacio do imperador até lá. Que sitio tão amoroso! Esconde-se o bello palacio entre os grandes bosques antigos do parque, e este recolina-se no regaço dos penedos e outeiros, deitando arbores para o ventoso oceano. No parque vêem-se, aqui e alli, assentos rusticos em cantos afastados, onde ha sombras; riachos de agua crystalina; pequenos lagos, com bancos de relva convidativos; relances de cascatas scintillantes por entre as abertas na espessura da folhagem; correntes de agua limpa a jorrar de graciosos nós nos troncos das arvores das florestas; templos de marmore em miniatura alcanforados em volutas rochedos cõr de cinza; e pontos de vista aereos, d'onde se pode espalhar a vista por dilatada extensãõ de terra e de mar. O palacio é moldado nas formas mais perfectas da architectura grega, e as suas vastas columnas cincom um pateo central, orlado de flores raras, que perfumam o ambiente, tendo no meio uma fonte que mitiga o calor do ar do verão, e é possivel one favoreça a existencia de mosquitos, mas tal não creio.

Logo sahiram do palacio o grão duque e a sua duquesa, e as cerimoniaes de apresentaçãõ foram tãõ simples como o tinham sido no palacio do imperador. Em poucos momentos se travou a conversaçãõ, como de antes. A imperatriz appareceu na varanda, e a pequena grã duquesa veio misturar-se connosco. Tinha-nos seguido ali. Em breve o proprio imperador veio a cavallo. Coisa muito agradável. Pôdeis julgar, se alguma vez visitastes a realza e sentistes que seria possivel estar despendido as vossas boas vindas, comquanto, em geral, creio eu, a realza não é escrupulosa em vos despedir quando emprestes a vossa missãõ.

O grão duque é o terceiro irmão do imperador, tem approximadamente trinta e sete annos de idade, e possui a figura de principe mais notavel da Russia. Ainda é mais alto que o czar, tãõ dire to como um indio, e o seu porte é semelhante ao d'esses magnificos cavalleiros de que temos noticia pelos romances das cruzadas. Tem ar de pessoa dotada de grande coraçãõ, que n'um momento atrahia um inimigo para dentro de um rio, e em seguida se lançaria n'ello, com risco da propria vida, para o salvar. O que se conta a seu respeito mostra que é dotado de animo bravo e generoso. Devo ter sentido o desejo de provar que os americanos eram bem-vindos aos palácios imperiaes da Russia, porque percorreu a cavallo todo o caminho até Yalta, e escolheu o nosso sequito um direçãõ ao palacio do imperador, em quanto os seus ajudantes iam batendo a estrada e offe-

recendo o seu auxilio onde quer que pudesse ser necessario. Nessa occasião estavam um tanto familiares com elle, porque não sabiamos quem era. Reconhecemo-lo agora, e apreciámos o espirito de amizade que o levou a prestar-nos este obsequio, que outro qualquer grão duque no mundo teria sem duvida deslignado fazer. Tinha grande numero de servos, que poderia ter mandado, mas preferiu occupar-se d'isso pessoalmente.

O grão duque vestia o bonito e ostentoso uniforme de official de cosnacos. A grã duquesa tinha um vestido branco de alpaca com as costuras e a orla enfeitadas de renda preta e um chapelinho cinzento com uma penna tambem negra. E' nova, um tanto formosa, modesta e simples, e cheia de captivante delicadeza.

O nosso grupo percorreu todo o edificio, e a nobreza, que o seguiu depois em todos os terrenos contiguos, reconduziu-o por fim ao palacio, seriam duas o meia horas, para o almoço. Elles chamaram-lhe almoço, nós, porém, diriamos *lunch*. Consistiu de duas qualidades de vinho, chá, pão, queijo e carnes frias, e foi servido nas mesas do centro na sala da recepçãõ e nas varandas, onde convivia; não houve cerimonia. Foi uma especie de picnic. Eu tinha ouvido antes que alli é que haviamos de almoçar, mas Blicher disse que lhe parecia que o pagamento do padreiro o tinha aconselhado a sua alteza imperial. Não creio—ainda que isso era proprio d'ello. O pequeno do padreiro é o creador da fome a bordo. Anda sempre esfomeado. Dizem que elle anda pelos camarotes de primeira classe, quando os passageiros lá não estão, e devora todas os sabonetes. Mais dizem que come maço de desfeito e tudo o que puder apanhar no intervalo das refeições, mas prefere maço. Não gosta d'ello

para o jantar, mas sim para o *lunch*, a horas extravagantes, ou qualquer outra coisa d'essa ordem. Tornou muito desagradavel, porque lhe faz ter o bafio rançoso, e os dentes empastados de alcatrão. Bem pode ser que o pequeno do padreiro aconselhasse o almoço, mas não o creio. Possa como fosse, correr bem. O illustre hospedeiro andava de uma banda para a outra, e ajudou a dar cabo das provisões e a manter animada a conversaçãõ, e a grã duquesa conversou com os que estavam na varanda e com os que tinham satisfeito o seu appetite e se afastavam da sala da recepçãõ.

O chá do grão duque era delicioso. Dão á gente um limão para exprimir no chá ou leite gelado, se e preferir. O primeiro é melhor. Este chá é trazido da China por terra, porque o transporte por via maritima danifica o chá.

Quando foi tempo de nos retirarmos, dissemos adeus aos nossos distinctos hospedes. Tinha-nos passado a melhor parte de metade de um dia na residencia da realza, e tinha-nos estado lá tãõ bem e tãõ satisfeitos como se nos achassemos a bordo. Não estaria mais alegre no seio de Abrahão do que no palacio de um imperador. Eu suppunha que os imperadores eram pessoas fãdas. Pensava eu, que nunca elles tinham feito outra coisa senão usar coroaes esplendidas e tunicas de velludo vermelho, com pedacões de lã coidos em alguns pontos d'ellas, e sentar-se no throno e mostrar sobrecebo aos laicos e á platela, e mandar executar duques e duquesas.

FOLHETIM N.º 7

(Continua)



